

Ives Gandra da Silva Martins

Cartas de antanho



2001  
São Paulo

# **Cartas de antanho**

**Ives Gandra da Silva  
Martins**

da  
Academia Paulista de Letras

2001  
São Paulo

## Sumário

Apresentação .....	4
Carta primeira a Ruth.....	5
Carta segunda a Ruth .....	7
Carta terceira a Ruth .....	8
Carta quarta a Ruth .....	10
Carta quinta a Ruth .....	11
Carta sexta a Ruth .....	14
Carta última a Ruth .....	16
Ante diem X Kalendas Apriles Ives salutem Ruti mittit.....	18

## **Apresentação**

Tínhamos apenas prestado o exame vestibular para Direito, na Universidade de São Paulo, e namorávamos há dois meses, quando Ruth foi descansar em Campinas, por uma semana, e eu fiquei em São Paulo, trabalhando.

Escrevi-lhe, na ocasião, sete cartas nos sete dias em que ficamos distantes um do outro. Bons tempos aqueles, em que o namoro era respeitoso e o simples fato de ter ido ao cinema com uma colega comum, sem qualquer outra intenção, mas sem ter avisado, soava como deslealdade.

As cartas são de amor, de saudade, de expectativa pelas notas do vestibular, que viriam, duas semanas depois, para a nossa alegria, com os dois ingressando na mais antiga Faculdade de Direito do Brasil.

Ruth aniversaria em 1º de julho e em 31 de julho deste ano (2001) comemoraremos 43 anos de casados: Em 24 de dezembro, 48 anos de namoro.

Como lembrança desta existência em comum, ofereço-lhe, em seu aniversário, plaqueta com aquelas cartas, a oitava em latim — o idioma era matéria de vestibular —, com o mesmo amor dos primeiros tempos.

## Carta primeira a Ruth

Tua carta primeira em verso faço,  
Sob um olhar sadio e mau mormaço,  
Esperando que o tempo em tempo mude,  
O corpo tendo preso, sem vontade,  
O peito já carpindo uma saudade  
o coração chorando, embora rude.

Malgrado não partida, longe estás  
E longe estando está também a paz,  
Pois ela, se ela existe, é tua imagem,  
E em te sentindo longe já padeço.  
E de bem te querer tributo o preço,  
Que nunca tributei mesmo em viagem.

O muito te querer, eis lá meu mal,  
Se mal é ser feliz, se do santal  
O aroma não seria que por ele;  
O muito te querer, se, muitas vezes,  
Triste me vem deixar, nunca é por meses  
E felizardo sou mais que sem ele.

Talvez avaro seja do que é meu,  
Mormente se nos braços de Morfeu,  
Porque nascendo assim, assim cresci;  
Talvez seja porque já peno penas,  
Que apesar de senti-las tão serenas,  
Penando fico só sem ter a ti.

Se soubesses ao menos o que eu era,  
Na luta, por ser grande, quase fera,  
No amor de conquistar um gentil homem,  
Bem sei que tu serias diferente  
E nunca mais a linda impenitente,  
Senhora destes dons, que me consomem.

Enfim, lá vou rumando pela estrada,  
Que não desejaria ver trilhada,  
Na carta, que te escrevo, sendo a prima,

Porém eu sou levado, sem sentir,  
Pelas rabugens já, de meu porvir  
E pelo prazer pálido da rima.

Mas volto ao meu início de missiva,  
Se voltar não ofende a bela ativa,  
Que venceu, já vencida, um invencível.  
Lá finda-se a estação calidamente,  
Como a dama outonal, de sangue ardente,  
Num derradeiro brilho mais visível.

Por hora vinte e quatro vezes seis,  
No tempo, que é do, em guerra, rei dos reis,  
Em repouso serei, tendo distante  
Aquela, que é madona de meus versos  
que por fados vários e diversos,  
Em estudando adora um estudante.

Amanhã, talvez Fábio em casa venha,  
E ao fogão de minh'alma trará lenha,  
Em falando de ti, sendo eu tristonho.  
Hei de as coisas, que tenho colocar  
Em ordem para que, quando o luar  
Houver chegado, seja e calmo o sonho.

Porém já muito escrevo, gata minha,  
Eu espero que não como a andorinha,  
Em esta terra dela, possas ser.  
Até a carta próxima, querida,  
E enquanto já deploro a despedida,  
Lá partes para novas coisas ver.

## Carta segunda a Ruth

*“Pas de nouvelles, Cherie.”*

Eis num verso a carta inteira,  
Que se não fosse a primeira,  
Em prosa viria a ti.

A vida é uma longa esteira,  
Que por ali, por aqui,  
Se pisada chora e ri,  
Muda ao mal, mas sem barreira.

O Bem ‘lá morando à beira,  
Quando chamado sorri,  
Nada mais. Foi o que eu vi.

E findo à moda caseira,  
Estamos na quarta-feira,  
*“Pas de nouvelles, Cherie.”*

## Carta terceira a Ruth

A carta, que escrevo, já sendo a terceira,  
Parece esquecida não ser dás que fiz;  
Se a vida é na mesma emoção rotineira,  
    Por ser quinta-feira,  
    O peito saudoso  
    Não julgo, choroso, Feliz.

Saudades não sinto mais que as que senti,  
Nem menos, contudo, compreendes,  
Meu Bem? Amor, qu'inda cresce e do aumento sorri,  
    Não é para ti.  
    Amor, se ele é grande,  
    Nem cresce e se expande,  
    Vê bem.

Se Fábio, outro dia, me disse sorrindo,  
“Amigo, sem Ruth, tens corpo não alma”,  
Não penso que errou, desde que é-me' tão lindo,  
    Teu *charme* não findo,  
    No fundo do olhar,  
    Que a culpa é sonhar  
    Na calma.

E a carta, entretanto, de novo em lamento  
Bem vejo mudada, porém por não ,mais,  
Que o peito calado, se cala o tormento  
De seu sentimento,  
    Promete notícias,  
    Não, como as das Lidas,  
    Jamais.

A tua Iramaia lembrou-se de mim  
Na noite passada. Falamos bem pouco,  
E crê-me, escarlate que eu veja o jasmim,  
    Se não dei um fim  
    Aos sonhos da fada.  
    E basta. Sem nada.  
    Sou. rouco.

E, enquanto te espero, ' p'ras mágoas remédio  
Procuo, revendo da Cena o Gigante  
No filme de "César". Que púrpuro assédio!!!  
Mas paro que o tédio  
Meu peito de antiste  
Já veste. Sou Triste,  
Distante.

P.S. Há pouco, Iramaia ligou-me, gatinha,  
Ficando espantado. Falamos de ti  
E se me privaste dizer-te só minha,  
Formosa e rainha  
Jamais. Se chorou?  
Não sei, mas pensou  
Que eu vi.

## **Carta quarta a Ruth**

O quarto degrau da escada  
Já subo. Sinto-me mal  
Sem carta alguma. Malvada.

Minh'alma é uma catedral  
Por sonhos mil arruinada.  
Como a bem mostra o postal.

Imensa é junto da tua,  
Porém pequena distante.

E calas-te. A vida é crua;  
Mas de esperar doravante...

## Carta quinta a Ruth

I

Enfim, à noite, sozinho,  
De meu sossego banido,  
O corpo todo vencido,  
Clemência venho rogar-te.  
Quanto sofri! Se penei  
Por meus erros não dizer, pois tudo fazia crer  
Não ser possível enganar-te.

II

Por algo estranho impelido,  
Não soube só resistir,  
Que o mal de ver-te partir  
Mais fraco fez-me ao prazer.  
E a carne rude e mesquinha  
Calou-se após de covarde,  
Buscando a falta da, tarde  
Na noite escura esconder.

III

Se tu pudesses sentir  
A dor de ter-te enganado  
De ter seguido mau fado  
Sem forças para lutar,  
Talvez a mim perdoasses  
E o perdão, que te suplico,  
Pareceria mais rico  
Se não quisesses negar.

IV

Se jamais esta fraqueza  
Puder pagar meu tormento,  
Comova-te meu lamento,  
Em busca de remissão,  
Pois meu prazer desejado  
Não tive longe de ti  
E os remorsos, que senti,

Bem merecem compaixão.

V  
Sem carta alguma julgava  
Pelas férias deslumbrada,  
A novo idílio achegada,  
Sem penas de quem ficou,  
Que o peito vendo-se só  
Às mágoas buscou remédio,  
Repleto estando de tédio,  
se fez mal, não pecou.

VI  
Mas depois... que sofrimento,  
Que de dores não penei,  
Tantas quantas jamais sei  
De haver penado, se lembro,  
Quando as cartas, que escreveste,  
Às minhas mãos me chegaram  
E se meus olhos choraram,  
Chorava o morto Dezembro.

VII  
Minha alma agora sombria,  
Mais que nunca sinto ser,  
Como se triste a temer  
Não sinta a vida sem ti.  
Que de lágrimas não verte,  
Que cruas dores não sente,  
Vivendo entre estranha gente,  
Que a tais sofreres sorri!

VIII  
Porém já tudo está feito  
E eu vou qual triste mendigo,  
Que por destino inimigo  
O coração tem partido.  
E se padecer é triste,  
Depois de se estar contente,  
Contudo é bem diferente  
Padecer arrependido.

IX

Eu sou como se um penedo,  
Carcomido pelo vento,  
Que a calma de seu intento  
Veio tirar algum dia.  
Se se viu, outrora, 'morto,  
Nos reinos deste já posto,  
Tornou depois o seu rosto  
Ao rosto, que lhe sorria.

X

Mas findo... De joelhos rogo:  
A quem foi louco perdoa  
O mal de ter ido à toa  
Consolo buscar em parte,  
Que o coração, que possui,  
Se batido de saudade,  
Perdeu-se nesta vaidade,  
Jamais deixou de adorar-te.

## Carta sexta a Ruth

“Saudade gosto amargo de infelizes,  
Delicioso pungir de acerbo espinho.”  
Assim falava um português outrora,  
Quando se viu da pátria amada longe  
E longe a pátria, longe a amada viu.

Com tais versos, querida, principio  
A carta, que por número tem seis.  
Seis cartas são as quantas te escrevi  
Em troca de somente cartas duas,  
Que as outras, que escreveste, inda não tenho,  
Como não tenho o que te supliquei.

Em casa tudo bem, se o bem é tudo,  
Pois que sarado estou, como o meu pai,  
Pois que reina a harmonia, obra celeste,  
Pois que trabalho já, graças a Deus.  
Todavia não sei se estou contente,  
Des que Weimann de novo se perdeu  
E não foi desta vez que teve “chanche”.

As notas amanhã foi que disseram.  
(Período Parentético de Réplica)  
Na Faculdade expostas restarão.  
Que grande a nossa estrela nos proteja!

Sem nada que fazer todos os dias,  
Eu não tenho vivido que pra casa,  
Salvo uma tarde, que lamento agora,  
É Fábio quem por vezes vem me ver,  
Dos meus amigos sendo o que só vejo  
Porque com ele sobre ti converso.

Meu “vide d’âme”, como tu conheces,  
De novo a minha porta está batendo,  
E não tenho quem possa “despachá-lo”.  
Por fim, domingo eu estarei contigo.  
Talvez lá pelas dez ou dez e meia.

“Voilà. C’est tout que j’ai pour bien te dire”.  
Um beijão deste louco, que assim é  
Por um bem te querer tão loucamente.

## Carta última a Ruth

Teu perdão conceder me negaste,  
Mesmo o erro dizendo ler feito,  
Fui culpado, bem sei, mas culpada  
Já tu foste e eu a ti perdoei.

O Perdão não se nega a ninguém,  
Nem ao vil, nem ao mau, nem ao fraco,  
Nem às coisas que, mudas, não sentem,  
Nem às bestas que sentem bem pouco.

Ao machado, que o fere, assassino,  
Mil perfumes o sândalo exala,  
Pois ao mal que o cruento lhe causa  
Com tal bem este nobre lhe paga.

Coração mui mais tem quem não tem  
Do que tu do qual dizes ser grande,  
Coração não se sente em palavras,  
Que as palavras são vãs quase sempre.

A cadela ao senhor, que lhe os filhos  
Para dar aos amigos, arranca,  
Agradece, lambendo-lhe as mãos,  
Por um bem, que este mal não apaga.

E tu dizes ao mundo ser grande  
O que dentro do peito tu tens,  
Quando quem não tem grande maior  
Que o que tens para, o mundo demonstra.

Assim Dido, assim Turno, assim Júlio,  
Com Enéias, Lavínia e com Gina.  
De imortais o degrau escalaram  
Quando a si de elevados venceram.

Mas me calo, Senhora, me calo,  
Que estes versos mal feitos já tombam,  
Sem calor, sem talento, sem brilho,

Já prevendo talvez o teu riso,

Que a garganta já rouca, não canta,  
Que esta língua parada não fala,  
Que o soluço prendido não brota,  
Que a verdade escondida não surge.

Porém bradam meus versos partidos  
Este grito recôndito e louco,  
De quem grita de raiva e de dor  
Para que de tristeza não chore.

## **Ante diem X Kalendas Apriles**

### **Ives salutem Ruti mittit**

“Si vales, bene est. Valeo”, Cicero scripsit. Ego etiam hodierno die. Tres litteras tuas mecum; quas pluribus veritatibus compusuisti, habeo.

Nam tu me de proscriptorum numero exemisti, licet culpam habeam. Tu et per vocem meam non fortis poete humilis clementiam petentis et per cogitationes meas in litteris mandatas mota es. Nunc gaudeo. Rem esse felix sum.

Magnus Ovidius per Glauci os dixit: “Prius in aequore frondes et in summis nascenti montibus algae sospite quam Scylla nostri mutantur amores”. Ego non Ovidius sum, sed cum eadem nobilitate, ingenio virtuteque de amore meo cogito. Pro Marcello oratione de tua victoria (ipsam te domare, vincere animum et epistulam scribere!) verba colloco: “Haec qui faciat non ego me cum summis viris comparo, sed sirnillimum deo iudico”.

De nota nescio. De totis rebus *nostris* etiam. Dedisti alicui litteras tertias. Cur?

Solus sum, credo solam esse. Laboro.

Valebis.